

Educação e Semicultura em Adorno

Mariano Luiz Sousa dos Santos, UFPA

Resumo: Neste trabalho bibliográfico discutirei acerca da relação entre educação e semicultura em Adorno. A escola como *locus* principal da educação e da busca do esclarecimento, dividida com as dificuldades que este local enfrenta para formar estudantes esclarecidos perante os desafios da semicultura e indústria cultural, além dos empecilhos das relações de trabalho no mundo reificado. Constatamos que houve um passado que contribuiu para formação de nações hegemônicas e outras que ficaram influenciadas por estas, e a educação neste processo configurou-se como semiformação para atender as exigências mercadológicas. A relação de trabalho neste contexto da semicultura se configura como uma dificuldade para a formação mediante a escola.

Palavras-chaves: Educação, Escola, Semiformação, Esclarecimento, Relações de Trabalho.

Introdução

A formação e o esclarecimento são processos que ainda não concretizaram no seio da humanidade os quais possibilitariam a emancipação humana. A necessidade do homem em dominar a natureza fez com que dominasse outros homens e nações. Os países burgueses conquistaram e dominaram outras regiões dificultando o desenvolvimento da formação aos dominados e favorecendo a semiformação (*halbbildung*) no mundo da indústria cultural.

Semiformação e indústria cultural são as ferramentas de dominação que prendem a sociedade na situação de comodidade e as relações de trabalho nesta dinâmica semiformativa coisifica a humanidade nas relações reificadas, dificultando a *bildung* por meio da educação.

A escola é o local que poderá negatar o processo de semiformação e semear os caminhos para a formação, o esclarecimento e o uso da razão possibilitando as pessoas agirem com consciências crítica e verdadeira.

A Escola, um Local Possível para a Emancipação

A formação cultural como *locus* principal a escola tem a incumbência de formar uma sociedade igualitária e justa, no entanto este fim não se cumpriu, quanto mais avança a sociedade da indústria cultural em seu esclarecimento mais distante fica do seu papel formador e progredindo para a barbárie. O esclarecimento a luz de Emanuel Kant tem como objetivo livrar o indivíduo da sua auto inculpável minoridade, sair da condição de ser conduzido por um tutor e caminhar livremente com autonomia para poder decidir por si mesmo e chegar na emancipação.

A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. Para precisar a questão, gostaria de remeter ao início do breve ensaio de Kant intitulado "Resposta a pergunta: o que é esclarecimento?". Ali ele define a minoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de minoridade e auto-incipável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem.

"Esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade" (ADORNO, 1995, p.23).

Certamente não vivemos em uma sociedade esclarecida disse Kant (1783), mas numa sociedade que precisa buscá-la para poder alcançar a emancipação, já a saída da tutela de outrem é uma decisão difícil, pois é mais fácil agir de acordo a ordem de alguém do que agir por conta própria e assumir as decisões tomadas. É necessário uma formação escolar que contribua a humanidade para poder caminhar com as próprias pernas e alicerçar um caminho que possibilite o esclarecimento e a emancipação.

Adorno (1995) quando fala do esclarecimento ele se refere ao texto de Kant *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?* "Esclarecimento (Aufklärung) significa a saída do homem de sua menoridade, pela qual ele próprio é responsável. A menoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro" (KANT, Imanuel, 1783, p. 1).

O propósito de alcançar a liberdade com a maioria não se cumpriu, o uso da razão está servindo para objetivos técnicos e utilitários da indústria cultural através da semiformação (halbbildung), o que levou a humanidade a estar presa a condição de suprir as exigências de mercado que ele mesmo criou.

A formação (bildung) perdeu-se e a semiformação tomou conta como uma formação aos moldes da Indústria Cultural, a qual seduz as pessoas a se acomodarem na sua rotina cotidiana e na labuta do trabalho laborioso, onde até mesmo a diversão, o descanso ou o ócio é em função do retorno ao trabalho que de tal forma não dá tempo de refletir sobre o que se passa na vida.

As condições em que se desenvolveu a indústria cultural modificaram o pensamento e a vida das pessoas mediante a semiformação, tudo se torna mais difícil nesta vida falsa, a formação é dificultosa, as políticas não valorizam a formação cultural, estudar e trabalhar tornaram-se difíceis, não sobra tempo para a diversão e aproveitar a família, poucos tem o privilégio de viver dignamente.

"Indústria Cultural é a cultura totalmente convertida em mercadoria" (MAAR, Wolfgang Leo, 1995, p. 23) e este processo se desenvolveu com o passado de guerras e invasões de terras que propiciaram o poderio econômico, político e cultural de algumas nações sobre outras que ficaram sob a tutela hegemônica das multinacionais e de grandes empresários.

No cenário da indústria cultural a compra de mercadorias gera satisfação às pessoas e é uma satisfação perceptível e que acomoda os sujeitos participantes da semiformação nas

condições que estão, a condição de explorados e manipulados. “Mas é uma satisfação que trava as possibilidades da experiência formativa, provoca uma regressão de sentidos como a audição” (MAAR, Wolfgang Leo, 1995, p. 23).

A educação escolar é a possibilidade de esclarecer e libertar a humanidade da barbárie e da escravidão empregada pela indústria cultural na sociedade e semiformação arraigados nos processos escolares. Se por um lado a escola é a possibilidade de esclarecimento e emancipação, clareando a visão do mundo opressor e produzindo condições para o homem libertar-se da opressão, por outro lado a escola está reproduzindo as condições para a desigualdade, conformismo, competição, individualismo e outras características que levam a barbárie.

A escola funciona como um norteador para a sociedade seja nos modos de como se comportar, nos hábitos de higiene, nas noções de escrita, contas numéricas, preparação para arranjar um trabalho e adequação do homem a este mundo, portanto está diretamente ligada a formação.

Entretanto a educação escolar não é construída pelos atores que nela participam como os professores, funcionários, pais e alunos, a educação é formulada e reformulada pelas necessidades do mercado, pelas grandes organizações internacionais que gerenciam as grandes empresas multinacionais e estas a educação.

Se as escolas fossem organizadas pelas necessidades destes atores da comunidade escolar, a escola seria mais autônoma, planejaria seu material pedagógico com uma preocupação maior com as necessidades de formação dos estudantes, garantiria uma preparação continuada para os professores e funcionários, a carga horária de trabalho seria compatível para concernir os planejamentos de aula e descanso, o salário garantiria este serviço social de educador com mais satisfação e qualidade, já que os educadores com proventos compatíveis com sua função teriam condições para adquirir livros, participar de eventos, ir ao teatro, cinema, comprar computador com conexão à internet, fazer manutenção no computador particular, suprir alimentação para manter uma vida saudável e ter tempo para praticar atividades físicas que beneficiem o corpo e a mente, ou seja, ser realmente um intelectual da educação.

A falta de valorização dos educadores, a falta de apoio à continuidade da formação dos professores, a pouca participação da comunidade escolar nas decisões da escola, a realidade econômica dos estudantes em ter que trabalhar e estudar em turnos opostos dificulta a formação e ajuda a configurar a escola como local de semiformação que contribui para o declínio da educação e progresso da barbárie social.

A escola e seu conselho escolar com autonomia provavelmente seriam atores de sua história e não apenas reprodutores de determinações de uma gestão educacional que está alheia ao desempenho dos discentes, a preocupação é somente com os investimentos financeiros para a escola e objetivando a atingir índices e estatísticas que não condizem com a realidade de aproveitamento escolar dos estudantes.

A escola a cada dia com mais responsabilidades a cumprir, também está submersa nas relações reificadas em que tudo se torna parte das relações de mercadoria e acúmulo de poder. Uma escola que perdeu o poder do processo do esclarecimento e da formação cultural para as exigências de formação necessária para o mercado global, que necessita rapidamente de mão de obra qualificada mediante um processo de semiformação que não consegue formar um indivíduo reflexivo capaz de se sentir seguro na tarefa que sua formação propõe.

A formação devia ser aquela que dissesse respeito — de uma maneira pura como seu próprio espírito — ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo (ADORNO, 2005, p.4).

Porém a formação que está sendo ofertada é a semiformação que não possibilita a clareza das prisões existentes que delimita a visão da humanidade perante as dificuldades. A semiformação permite uma autonomia parcial, não garante segurança para atuar perante os desafios da vida. A semicultura não está educando para a emancipação e sim para a docilidade, guiamento por uma tutela e sem opinião crítica acerca do que acontece ou deixa de acontecer.

Os ditadores estão fazendo o que bem entendem com as pessoas menos esclarecidas, estão manipulando e escravizando em diversos setores da vida como exemplo nas relações de trabalho em que o proletariado recebe uma fatia do que é produzido, trabalha longas jornadas e é excluído dos processos de formação cultural. A escola é distanciada e dificultada para os trabalhadores, dificilmente se vê a relação entre escola e empresa/patrão para apoiar a frequência e permanência do trabalhador na escola, alguns trabalhadores estudantes conseguem participar de uma semiformação que irá propiciar a competição, a disputa por melhores posições no trabalho e cotoveladas provenientes de atitudes desumanas.

Um Breve Histórico Até a Indústria Cultural

Um povo que luta a favor da vida e da dignidade, pessoas simples, mas nobres pela labuta diária para conquistar o pão de cada dia à família, povo que busca meios dignos de sobrevivência desde as épocas primitivas em que somente a natureza era a dificuldade vigente, o tempo foi passando novos empecilhos apareceram além do poder da natureza, o

homem cria ferramentas para melhor viver com a natureza, as comunidades nascem, começa a surgir também trocas de mercadorias, acúmulo de produção, conflitos, escravos de guerra e terras demarcadas.

O feudalismo rompe na história com os senhores feudais e escravos, a terra é demarcada, as desigualdades é acirrada com o homem explorando a força de outro homem, a escravidão se torna fonte de acúmulo de produção, as primeiras revoltas dos oprimidos explodem a partir de escravos. Conquistas são visíveis com as revoltas, a opressão diminui, terras são cedidas aos escravos e garantido uma parcela do que foi plantado na terra, feiras ao redor dos feudos são construídas e a partir de então surgem comunidades chamadas burgos ou burgueses.

Nos burgos há os burgueses que eram ricos comerciantes, além dos camponeses e artesãos, ambos sob o poder da nobreza representado pela igreja e os senhores feudais, no entanto os moradores dos burgos unem as forças e põe em decadência o feudalismo. O declínio dos senhores feudais confere um poder aos ricos comerciantes que acabam por explorar os artesãos, estes são empregados à trabalhar nas oficinas com máquinas para produzir artesanatos com maior rapidez, iniciava as primeiras produções capitalistas com as manufaturas.

A partir das manufaturas surgem máquinas melhores como o advento da máquina a vapor, explode a revolução industrial nos séculos XVIII e XIX, porém ainda há conflitos na ordem econômica e política, de um lado os burgueses e de outro a nobreza que ainda estava viva no controle político, perante tal realidade “(...) a burguesia surge, naquela época, como uma classe revolucionária, que criticava os preconceitos, as injustiças e os privilégios feudais, na medida em que estes freavam o desenvolvimento econômico” (FON et al. 2011, p. 36).

O início da luta política começou com a burguesia e os trabalhadores, ambos descontentes com a nobreza. A burguesia objetivava progredir no lucro capitalista, os trabalhadores queriam sair da miséria e melhoras de vida, pois foram expulsos do campo para a cidade. A esperteza dos burgueses em aliar-se com os proletariados resultou na Revolução Francesa vencendo a nobreza e conquistando o poderio político.

Quando a burguesia tomou politicamente o poder na Inglaterra do século XVII e na França do XVIII, estava, do ponto de vista econômico, mais desenvolvida que o sistema feudal. E também mais consciente. As qualidades que posteriormente receberam o nome de formação cultural tornaram a classe ascendente capaz de desempenhar suas tarefas econômicas e administrativas. A formação não foi apenas sinal da emancipação da burguesia, nem apenas o privilégio pelo qual os burgueses se avantajaram em relação às pessoas de pouca riqueza e aos camponeses. Sem a formação cultural, dificilmente o burguês teria se desenvolvido como empresário,

como gerente ou como funcionário. Assim que a sociedade burguesa se consolida e já as coisas se transformam em termos de classes sociais (ADORNO, 2005, p.5).

Com o desenvolvimento da indústria e a precarização das relações de trabalho nas fábricas, dificultou aos proletariados participarem do processo de formação cultural vivenciada pelos burgueses. “Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia. A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio” (ADORNO, 2005, p.5).

As disputas por território e riquezas por parte das nações europeias cresciam na medida que necessitavam escoar suas produções excedentes como na época do imperialismo destacando as áreas da África e da Ásia, as quais foram saqueadas as riquezas e desrespeitadas culturalmente.

Os países europeus, principalmente Inglaterra e Alemanha desenvolveram-se com a época mercantilista e com as regiões de colonização de tal forma que saíram na frente dos demais países possibilitando o desencadeamento da Revolução Industrial, primeiramente na Inglaterra no século XVIII, com o avanço na cultura, política e economia, em destaque para o período conhecido como Belle Époque, momento que diversas tecnologias foram desenvolvidas e muitas das invenções que hoje temos são provenientes desta época.

A partir da Primeira Grande Guerra Mundial e fim da Belle Époque motivado por disputas de territórios e acúmulo de riquezas, diversos países do mundo participaram efetivamente deste conflito e mais áreas tiveram seus territórios sobre influência de outros e com o fim da guerra novos países se configuraram como detentores de riquezas.

A Segunda Grande Guerra Mundial motivada pela primeira guerra resultou na divisão do mundo sob o regime de duas potências mundiais que foram os EUA e a URSS, ambos os países disseminando nas suas áreas de influência suas ideologias e cultura, desrespeitando as nações dominadas.

A disputa entre estas duas potências conhecida como Guerra Fria resultou na desestabilização da URSS e na hegemonia dos EUA firmando como potência soberana e atacando com seu poderio em diversas nações do mundo, possibilitando a globalização econômica e disseminando em escala global a cultura norte americana em diversos países.

A Colonização como na época do descobrimento dos países da América Latina ou das neocolonizações na África, Ásia entre outros países, não se distingue muito deste período de globalização que de um lado estão os países manipulados pelas forças econômicas mundiais e de outro os países que criam as políticas internacionais de acordo com seus interesses

particulares, onde o objetivo principal é desenvolver o mercado que gera lucro e mais poder para ditar as regras para os mais fracos economicamente, continuando assim o domínio nos territórios de influência.

Com o surgimento do capitalismo monopolista e seu desenvolvimento além dos limites europeus, com a intensificação colonialista, com as revoluções científicas contemporâneas, o predomínio da dimensão instrumental da Razão se torna onipresente. E a sociedade unidimensional, liderada pelos técnicos e pela ciência, se transformou em instrumento de produção e dominação (PUCCI, Bruno, 2003, p.23 *apud* BANDEIRA, Belkis Sousa, 2008, p.31).

Portanto, a educação assim como diversos outros setores que compõe o funcionamento de um país são influenciados por outros países, a política neoliberal com seus preceitos de eficácia, eficiência e desenvolvimento foi conquistando aos poucos a realidade de diversas políticas nacionais. A educação é um exemplo da adaptação desta (a educação) aos ditames neoliberais em que tudo se torna mercadoria.

A indústria cultural é a ferramenta que os países hegemônicos controlam e continuam o processo de colonização, mas de uma forma mais técnica e inteligente, uniformizando o mundo mediante a economia de mercado.

Formação Cultural

Formação (*Bildung*) é a busca da autonomia para que o homem faça uso da razão na intenção de superar as condições sociais de desigualdade e barbárie que são resultados do processo de semiformação.

A formação contrapõe a semiformação, é a busca da superação da semicultura e a predominância da escola como ferramenta de transformação, local fundamental de emancipação mediante uma educação crítica que seja capaz de formar indivíduos que possam ser atores da história, construtores de uma sociedade mais humana e igualitária. Uma educação que sirva além das necessidades de adaptação do homem ao mundo capitalista.

A formação cultural é a possibilidade da libertação individual dos mecanismos coercitivos da socialização e da imposição coisificadora da “desenfreada economia de mercado”(…) sobre a cultura e a consciência.(…) Porém, esta possibilidade da libertação individual não deve se tornar objetivo final, mas deve ser entendida como pressuposto incondicional para a humanização da práxis social (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.112 *apud* BANDEIRA, Belkis Sousa, 2008, p.41).

A formação é o meio para que o indivíduo atinja a maioria e a emancipação, a *bildung* é para criar condições ao homem ser agente transformador de sua realidade além de refletir sobre sua realidade e do meio em que vive e possibilitar a diminuição das desigualdades sociais.

A palavra alemã *Bildung* significa, genericamente, Cultura e pode ser entendida, nesse sentido, como análoga à palavra *Kultur*, de origem latina, porém, enquanto *Kultur* tende a se aproximar das relações humanas objetivas, *Bildung* aproxima-se mais às transformações na esfera subjetiva, referindo-se a um processo de Formação (BANDEIRA, Belkis Sousa, 2008, p. 25).

Neste contexto *bildung* refere-se a formação cultural mediante a educação, já que se trata de um processo, a escola tem seu forte papel pedagógico no desenvolvimento desta formação, possibilitando que os homens se eduquem.

Se a *bildung* é um processo, então devemos encarar como algo dinâmico que deve progredir para emancipação e, a escola é local primordial para esta missão. Na formação cultural mediante a escola é necessário uma política pública que valorize as pessoas e não mercadorias, formação que abranja desde a criança no jardim de infância até os níveis de pós-graduação.

Nesta realidade a educação é tratada como a menina dos olhos, os professores devem receber formação continuada e condições que possibilitem esta formação, salários dignos aos cientistas da educação que fazem acontecer no dia-a-dia a diferença na vida dos estudantes, uma escola equipada com tudo que é necessário para a concretização da formação humana, a qual possa desbancar os princípios mercadológicos que visam uma rápida formação escolar que não propiciam o interesse na continuidade das etapas seguintes dos estudos e nem mesmo facilita a continuação e aperfeiçoamento dos educadores e de todos que participam do processo educativo.

A semiformação na Escola

A Semiformação (*Halbbildung*) é o empecilho da formação cultural, é a corrente que impede o desenvolver do processo formativo (*bildung*). A reificação transformou a educação em mercadoria e ferramenta de domínio, ao invés de servir de superação da menoridade ou da falta de agir pela razão. Os países que se desenvolveram como dominadores e os que são dominados dão continuidade a semiformação pelo mundo a fora impedindo ou dificultando a formação cultural e o ócio aos proletariados.

Na escola a semiformação tem sua continuidade quando o educador é tratado como um profissional qualquer e o estudante é um mero futuro contribuinte para o desenvolvimento do capitalismo. Na semiformação não há a possibilidade de construção de uma sociedade que lute pela emancipação e faz uso da razão, pois as condições que é desenvolvida a semiformação os indivíduos conseguem apenas sobreviver e continuar na desigualdade.

As condições precárias do funcionamento da educação e os governos que nada fazem para reverter este quadro caótico é a manutenção dos germes da semiformação. Tais condições e governos que aderem aos interesses das multinacionais e dos empresários, estão ligados a vantagens de mercado que nada tem haver com a criação de condições que possibilitem a humanidade a participarem das decisões concernentes a vida pública e o desenrolar da democracia. A única ferramenta que o povo de qualquer estirpe tem a possibilidade de exercer a democracia é o voto eleitoral, o qual é manipulado e transformado na continuação das desigualdades, subindo ao poder aqueles que são patrocinados pelos massacradores dos proletariados.

Os de-formados que são adaptados para as tarefas do modo de produção globalizado são condicionados a uma realidade de seguir o que o patrão determina, o que a indústria cultural lhe impõe como necessário e impossibilita de analisar e agir reflexivamente com críticas às quais poderiam preparar os campos para o esclarecimento.

As relações de trabalho amarra a humanidade a continuarem sob a tutela de outrem e dificulta a sair da condição da auto inculpável minoridade, há sempre uma barreira que dificulta a liberdade dos indivíduos, seja a necessidade de obter um empréstimo para a compra de uma casa e a partir de então estar sujeito a todo tipo de controle por parte do patrão, pois está preso na condição do empréstimo e necessita do trabalho para pagar as parcelas mensais, além de outras utilidades que necessita o homem para sobreviver que não faltariam exemplos para elucidar a ideia das amarras que a humanidade passa, estando a mercê de um trabalho/profissão com condições desfavoráveis ao acesso a formação cultural.

De políticas em níveis macro a questões particulares da vida de um cidadão passam pelo processo de reificação, onde aquilo que é tocado por este processo transforma-se em mercadoria e manipulável aos interesses da manutenção do *status quo*. Nessa coisificação passa a escola servindo como agente das ideologias e princípios neoliberais condicionando uma acelerada movimentação de informações e invenções que devem ser processadas e repassadas rapidamente, configurando a semiformação (*halbildung*), inimiga da formação (*bildung*).

Nesse processo de reificação a indústria cultural disciplina, doutrina e controla e, a possibilidade de libertar destas amarras é a formação cultural e seu locus principal é a escola que dá base para a construção de uma sociedade com relações humanas, invertendo as relações de mercadorias como a principal norteadora da práxis social.

Na busca de sair desta imposição, a educação precisa ser valorizada, as escolas necessitam de fiscalizações e investimentos para se adequarem as necessidades de uma

verdadeira formação e faz necessário uma gestão democrática que vise a emancipação humana.

Há a necessidade de criar políticas que beneficiem os estudantes que trabalham e tem a vontade de dá continuidade nos estudos, porém os patrões/empresários não se preocupam com a formação de seus funcionários, poucas são as instituições que propiciam uma política em que os estudantes possam trabalhar e estudar.

A realidade de realizar diversas tarefas no ambiente de trabalho e em um outro turno ter que estudar é uma outra razão da dificuldade da formação cultural, diversos estudantes (aqueles que conseguem chegar até um nível superior de escolaridade) de universidades que frequentam cursos no turno da noite sofrem com a necessidade de trabalhar durante o dia e estudar a noite.

As possibilidades de estágios e atividades do curso durante o dia é quase impossível e dificulta a formação destes estudantes, enfraquecendo a construção de uma formação que lhe trará segurança para cumprir com os objetivos que os respectivos cursos requerem.

Os estudantes noturnos ficam longe de diversas atividades da universidade, até impossibilitados de participarem de conselhos estudantis e escolares para poderem opinar (fazer uso da razão) e ajudar a democratizar a gestão e as exigências da própria formação, pensamento democrático que poderia ser colocado em prática nas empresas, órgãos e instituições que empregam trabalhadores os quais pudessem opinar no funcionamento das atividades do seu trabalho.

As empresas e órgãos inclusive do poder público municipal, estadual e federal não facilitam o acesso de seus trabalhadores aos estudos, sejam os estudantes diurnos ou noturnos, não existe a preocupação e incentivo por parte dos empregadores de verem seus colaboradores crescendo seu nível de conhecimento e possibilitando a estes trabalhadores novos horizontes.

Profissionais bem formados são menos controláveis, pois estes profissionais têm a possível capacidade de encontrar outro ramo de emprego, portanto seriam empregados menos obedientes e cobradores de condições de trabalho mais dignas, que na verdade seriam proletários fazendo uso da razão, características de pessoas libertas da auto inculpável menoridade.

Considerações Finais

A humanidade necessita da educação para sobressair das barbáries sociais e libertar o homem da tutela de outrem para poder agir mediante seu próprio entendimento pelo o uso da razão, a qual será possibilitada por uma educação

(...) Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir de seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. (ADORNO, 2006, p. 141).

Uma educação que possa negativar a semiformação, que o educar seja alimento para a alma do indivíduo que está cercado por relações coisificadas, as quais geram amarguras provenientes de atitudes desumanas. Um processo escolar que formem sujeitos para emancipação e não apenas para a adaptação de pessoas bem ajustadas ao *status quo* das relações de trabalho que dificultam a *bildung*. A formação possa propiciar uma sociedade de seres livres e iguais.

A escola é o local que necessita de atenção especial para desbancar a semiformação que se arroga como formação e que alimenta a degradação da educação. É preciso encarar a formação como um oásis no meio do deserto, um oásis de preparação da humanidade para se tornarem seres mais humano perante as disputas competitivas entre as pessoas que poderiam se ajudar ao invés de se destruírem.

A educação escolar precisa ir além das necessidades da praticidade contemporânea, a formação possa conceber seres que se preocupem e se respeitem compreendendo as diferenças, dificuldades, potencialidades e fragilidades de cada um que nos deparamos no cotidiano da vida. A educação

Ela seria impotente e enganosa se ignorasse sua dimensão de adaptação, e não preparasse os homens para a realidade. Por sua vez seria incompleta e falsa se se limitasse a ajustar os homens à realidade e não desenvolvesse neles a desconfiança, a negatividade, a capacidade de resistência (PUCCI, Bruno, 1991?, p. 3).

Resistência as barbáries que estão se tornando corriqueiras e não podem se tornarem comum no seio da sociedade, sociedade burguesa da qual parafraseando Adorno (1995, p. 27) não há sentido para a educação nesta sociedade da indústria cultural, mas uma educação que possibilite uma crítica e resistência a esta sociedade responsável pelas atrocidades desumanas que cotidianamente vemos nos telejornais, nas ruas, no local de trabalho e inclusive nas escolas.

Crítica no sentido Kantiano de saber escolher o que há de bom ou ruim em algo, uma consciência que possa ser realizada livre da ideia de produção e lucro, sem a preocupação da subsistência na vida econômica de necessitar de um salário para poder suprir as necessidades de uma família.

Em primeiro lugar, deve-se deixar claro que a palavra *crítica* da obra kantiana não tem o sentido, hoje majoritário, de uma valoração pejorativa ou basicamente negativa, vale dizer, não é nenhum protesto, rejeição ou ataque. No grego clássico, o verbo *krinein* significava 'distinguir um elemento de outro, escolher algo entre as muitas coisas, ou separar os elementos de um conjunto', e *krités* significava 'juiz' ou 'árbitro'. Remetendo a este sentido clássico, para Kant, *crítica* é o juízo que determina o valor de algo, descrevendo tanto suas qualidades como seus defeitos. (...). Pela mesma raiz etimológica, "critério" quer dizer 'o que permite discriminar entre duas coisas' e por isso dizemos que alguém "tem critério" ou que possui "bom critério" quando sabe escolher e agir. (MAYOS, Gonçalves, 2008, p. 21)

Será que o mundo em que vivemos não há consciência crítica? no mundo em que vivemos tem tanta riqueza e por quê será que há tanta miséria? a "sociedade administrada" tem tanta riqueza, mas vive na miséria, quem administra vive no luxo, portanto falta esclarecimento, falta emancipação, falta a formação de sujeitos autônomos, conscientes da realidade em que está inserido, libertação tanto para opressores e oprimidos, falta uma democracia de verdade em que os direitos possam vir facilmente assim como os deveres.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. **Teoria da Semicultura**. Editor. Nilton Santos. Porto Velho: Editora Universidade Federal de Rondônia, 2005 (ano IV, n.191, agosto). Disponível em: < http://www.primeiraversao.unir.br/artigos_pdf/191_pdf >. Acesso em: 7 de mar. de 2014.

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995. Disponível em: < <http://www.verlaine.pro.br/txt/pp5/adorno-educacao.pdf> >. Acesso em: 17 de abr. de 2014.

BANDEIRA, Belkis Sousa. **Formação Cultural, Semiformação e Indústria Cultural: Contribuições de Theodor W. Adorno para Pensar a Educação**. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=607>. Acesso em: 4 de mar. de 2014.

ENGUIITA, Mariano Fernández. **O caso europeu: Revolução Industrial e resistência popular**. In: ENGUIITA, Mariano Fernández. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Ibidem. Trad. Tomas Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 33-63.

FON, Celeste. et al. **História da Sociedade**. São Paulo: CEPIS, 2011.

MAYOS, Gonçalves. **O Criticismo Kantiano**. Tradução: Ricardo Henrique Carvalho Salgado e João Paulo Medeiros Araújo. O presente ensaio, traduzido por Ricardo Henrique Carvalho Salgado e João Paulo Medeiros Araújo. In: AAVV. *Filosofia; Curso de preparación para la prueba de acceso a la universidad para mayores de 25 años*, Barcelona: EducaciOnline, 2008, pp. 1-35. Disponível em: <<http://www.ub.edu/histofilosofia/gmayos/PDF/Criticismo%20portugues.pdf>>. Acesso em: 12 de abr. de 2014

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?**. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. Disponível em: < http://ensinarfilosofia.com.br?__pdfs/e_livros/47.pdf >. Acesso em: 12 de abr. de 2014.

PUCCI, Bruno. **Filosofia Negativa e Educação: Adorno**. [1991?]. Disponível em: <<http://www.unimep.br/~bpucci/filosofia-negativa-e-educacao-adorno.pdf> >. Acesso em: 20 de abr. 2014.